

Obras completas II

Coleção **PATRÍSTICA**

1. *Padres apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmius
3. *I e II apologias e diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lion
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *A Trindade*, Santo Agostinho
8. *O livre-arbítrio*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Soliloquios – A vida feliz*, Santo Agostinho
12. *A graça I*, Santo Agostinho
13. *A graça II*, Santo Agostinho
14. *Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – A santa virgindade – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *A doutrina cristã*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentário ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – A ordem – A grandeza da alma – O Mestre*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Exameirão – Os seis dias da criação*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a epístola aos Romanos – Comentários sobre a epístola aos Gálatas – Homílias sobre a epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo
28. *Regra pastoral*, Gregório Magno
29. *A criação do homem – A alma e a ressurreição – A grande catequese*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *A fé e o símbolo – Primeira catequese aos não cristãos – A continência – A disciplina cristã*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lion
34. *Homílias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes
- 35/1. *Obras completas I*, Cipriano de Cartago
- 35/2. *Obras completas II*, Cipriano de Cartago
36. *O sermão da montanha – Escritos sobre a fé*, Santo Agostinho
37. *A Trindade – Escritos éticos – Cartas*, Novaciano
38. *Homílias – Comentário sobre o Cântico dos cânticos*, Orígenes
39. *A mentira – Contra a mentira*, Santo Agostinho
40. *A natureza do bem – O castigo e o perdão dos pecados e o batismo das crianças*, Santo Agostinho
41. *A Simpliciano – Réplica à carta de Parmeniano*, Santo Agostinho
42. *Tratado sobre o batismo*, Santo Agostinho
43. *Retratações*, Santo Agostinho

CIPRIANO DE CARTAGO

OBRAS COMPLETAS II



Título original: *Epistolarium*

Tradução: *Luciano R. Bastos*

Introdução e notas: *Heres Drian de O. Freitas e Luciano R. Bastos*

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Diretor editorial: *Silvio Ribas*

Coordenação editorial: *Heres Drian de Oliveira Freitas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *André Tadashi Odashima*

Diagramação: *Leidson de Farias Barros*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cipriano, Santo, Bispo de Cartago

Obras completas II. Volume 35/2 / Cipriano de Cartago; tradução de Luciano Rouanet Bastos.
São Paulo: Paulus, 2020. Coleção Patrística.

ISBN: 978-65-5562-049-8

Título original: *Epistolarium*

1. Cipriano, Santo, Bispo de Cartago 2. Mártires cristãos 3. Padres da Igreja primitiva I. Título
II. Bastos, Luciano Rouanet

20-1921

CDD 230
CDU 23

Índice para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja primitiva: Escritos: Teologia cristã



Seja um leitor preferencial PAULUS.

Cadastre-se e receba informações

sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2020

© PAULUS – 2020

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-049-8

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística”

para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os

últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apolo-gético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

O CORPUS EPISTOLAR DE CIPRIANO DE CARTAGO

Heres Drian de O. Freitas

Se as fontes literárias do século III, para a compreensão do referido período, são escassas,¹ essa escassez, no que diz respeito à história do cristianismo desse mesmo século, é mais sentida, e seria ainda mais, se não fosse pelo *corpus* das cartas de Cipriano de Cartago.²

Da atual coleção, constante de 81 missivas,³ nem todas são de Cipriano, mas se conservaram entre as suas:

¹ Entre outras poucas, e em meio a alguns compiladores, temos DIÃO CÁSSIO, *Historia romana* 75-80; HERODIANO, *Historia augusta* 3-8; e, de pouco mais tarde, AURÉLIO VITOR, *De Caesaribus*, e as obras que o acompanham. Para a biografia, e contexto, de Cipriano, veja-se “Cipriano de Cartago – Introdução geral”, e bibliografia aí reportada, em *Cipriano de Cartago – Obras completas I*, São Paulo: Paulus (Coleção Patrística – doravante PatrPaulus – vol. 35/1), 2016, p. 13-38, juntamente com G. W. CLARKE, *The Letters of St. Cyprian of Carthage – Letters 1-27*, New York: Newman Press [Ancient Christian Writers – The Works of the Fathers in Translation 43], 3 vol., 1984, vol. 1, p. 12-21; e M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, “Introducción”, em *Cipriano de Cartago – Cartas*, Madrid: Gredos [Biblioteca Clásica Gredos 255], 1998, p. 9-51. Para a perseguição de Dácio, além da bibliografia reportada em PatrPaulus 35/1, 2016, p. 69-83, particularmente p. 71-76, CLARKE, vol. 1, p. 21-39.

² EUSÉBIO, *Historia ecclesiastica* – doravante HE, não acompanhada do autor –, é obra de pouco mais tarde, bem como LACTÂNCIO, *De mortibus persecutorum*. Com efeito, o século IV é mais rico em fontes.

³ *Sancti Cypriani Episcopi Epistolarium*, edição crítica de G. F. DIERKS, realizada para a Corpus Christianorum Series Latina – doravante CCL –, Turnhout: Brepols, vol. 3B, 1994, e vol. 3C, 1996, da qual foi feita a presente tradução. Cf. também, abaixo, nota 7.

dezesseis são de outros remetentes – e até mesmo para outros destinatários – e seis são sinodais, ou conciliares,⁴ que certamente refletem mente e estilo cipriânicos. As quase sessenta cartas restantes, de autoria do santo bispo mártir de Cartago, somadas às anteriores, não perfazem, contudo, o total de epístolas por ele escritas – ou mesmo recebidas. O *corpus* das cartas de Cipriano de que dispomos é incompleto.

Embora o bispo cartaginês mantivesse cópias de cartas enviadas e recebidas,⁵ em algumas das que se conservaram há referências ao conteúdo de missivas que não coincide com o das que chegaram até nós. Algumas delas, portanto, perderam-se;⁶ e é difícil dizer exatamente quantas sejam,⁷ pois não é preciso que uma epístola contenha, necessariamente, referência a outra.

Além disso, a coleção das cartas, como a temos hoje, provavelmente não foi feita pelo próprio Cipriano, nem

⁴ Cipriano é o destinatário das *ep.* 23, 24, 30, 31, 36, 42, 49, 50, 53, 75, 77, 78 e 79. São de outros remetentes e a outros destinatários as *ep.* 8, 21 e 22. São sinodais, ou conciliares, as *ep.* 4, 57, 61, 64, 67, 70, 72; B. ALTANER, *Patrologia*, Gênova: Marietti, 2002 (1977), p. 180-181, e J. QUASTEN, *op. cit.*, vol. 1, p. 595-598, sugerem que essas epístolas sinodais sejam composição de Cipriano mesmo.

⁵ Cf., por exemplo, *ep.* 20,2,1; 25,2; 32,1 e 35,1.

⁶ O leitor encontrará várias vezes “[carta(s)] não conservada(s)” nas notas. Para detalhes, a esse respeito, vejam-se A. von HARNACK, “Über verlorene Briefe und Aktenstücke, die sich aus der Cyprianischen Briefsammlung ermitteln lassen”, *Texte und Untersuchungen zur altchristlichen Literatur* 23/2 [Neue Folge 8/2], Leipzig: J. C. Hinrich, 1902, p. 1-45; e, *sub voce* “Lettres Chrétiennes”, *Dictionnaire de Archeologie Chétienne et de Liturgie* 8, 1929, 2754ss.; e indicação bibliográfica à nota seguinte.

⁷ R. SALCEDO GÓMEZ, *El corpus epistolar de Cipriano de Cartago (249-258): estructura, composición y cronología*, Tese, Universitat de Barcelona, 2007, a partir do epistolário conservado – obviamente – identificou e reconstituiu parcialmente 46 epístolas perdidas. Assim, o *corpus* completo teria, pelo menos, 127 cartas. Infelizmente, não tivemos acesso ao texto dessa tese em tempo hábil até o envio desta introdução ao prelo.

com o bispo cartaginês ainda em vida, nem de modo sistemático⁸ – o que parece atestado pela tradição manuscrita,⁹ que indica sua formação mais tardia, mesmo se não muito, mas que poderia seguir certa organização da coleção, talvez realizada pelo próprio santo¹⁰ e por aqueles que usavam suas cartas como documentação relativa às decisões conciliares.¹¹ Mas o fato de Cipriano ter sido coroado com o martírio pode ter despertado maior interesse na conservação de seus textos. Independentemente, porém, de como quer que se tenha dado sua formação, esse *corpus* é importantíssimo.

⁸ Como ocorre, muito mais tarde, *grosso modo*, com o *Registrum epistularum* de Gregório Magno, em preparação para publicação nesta coleção. Mas também é certo que Cipriano não deve ter tido chancelaria e *scriptorium* pares aos do referido bispo de Roma, afinal, mesmo se já bastante bem organizada, a Igreja ainda não tinha a estrutura curial que terá no tempo de São Gregório.

⁹ Os manuscritos com as epístolas cipriânicas normalmente variam em seu número e sua ordem. Só um deles contém todas as 81 cartas (cf. J. QUASTEN, *Patrologia*, 5 vol., Gênova: Marietti, 2000 [1980], vol. 1, p. 596). O leitor encontra maiores considerações sobre os manuscritos nas introduções de G. F. DIERKS, em CCL 3D, 1999; G. W. CLARKE, *The Letters of St. Cyprian of Carthage – Letters 1-27*, New York: Newman Press [Ancient Christian Writers – The Works of the Fathers in Translation 43], 3 vol., 1984, vol. 1, p. 3-49, p. 8; M. L. GARCÍA SANCHIDRIÁN, *Cipriano de Cartago – Cartas*, Madrid: Gredos [Biblioteca Clásica Gredos 255], 1998, p. 9-51, p. 36-37.

¹⁰ Cf., acima, exemplo à nota 5. Não parece impossível que Cipriano, em meio à discussão das questões do momento, dispusesse de alguma ordem ao arquivar as missivas enviadas e recebidas de modo a poder servir-se delas quando necessário, tendo-as facilmente à mão. S. DÖPP e W. GEERLINGS (ed.), *sub voce* “Cipriano di Cartagine”, *Dizionario di Letteratura Cristiana Antica*, Vaticano/Roma: Urbaniana University Press/Città Nuova, 2006, p. 185, dizem poder ter havido uma perda coleção inicial, mas não especificam por disposição de quem.

¹¹ Ou mesmo relacionado às discussões prévias, de modo que as epístolas cipriânicas tivessem certo caráter, digamos, legislativo, diretor da justa abordagem das matérias então em questão, o que será evidente mais tarde, quando textos das missivas do santo bispo de Cartago forem citados em concílios e, mais tarde ainda, integrados, entre outras coleções de cânones, à *Collectio Canonum*, do séc. XI, e ao *Decretum Gratiani* – como comumente é conhecida a *Concordia Discordantium Canonum* –, do séc. XII, para os quais o leitor encontrará remissões nas notas de algumas cartas.

A coleção das epístolas cipriânicas, com efeito, diz, por exemplo, algo da ação de imperadores (Décio, Galo, Valeriano) sobre os quais a documentação é exígua; situa-nos num quadro de motivações e comportamentos distintos por parte dos cristãos, nas mais diferentes posições, durante e depois das perseguições sofridas; mostra-nos discussões e decisões em relação às disciplinas penitencial e sacramental, à ortodoxia e à comunhão, à heresia e ao cisma; ilumina-nos quanto ao ambiente eclesiástico-social geral de então e apresenta-nos a mentalidade religiosa, administrativa e exegética não só de Cipriano, mas também – muito provavelmente – daqueles que compartilhavam com ele do ofício episcopal.¹²

Isso não se aplica somente à África: Cipriano corresponde-se com a Espanha,¹³ a Gália,¹⁴ a Capadócia,¹⁵ Roma.¹⁶

¹² Não menos importante é a problemática onomástica dos correspondentes de Cipriano. De muitos deles não temos mais que a citação do nome, principalmente nos cabeçalhos das epístolas. Todavia, essas citações são fundamentais para compor um possível quadro dos ocupantes das sedes episcopais – se indicadas, certamente – de então. Nisso, aliás, juntamente com as *Sententiae episcoporum* – documento resultado do concílio cartaginês de 256 sobre o (re)batismo, que bem pode classificar-se entre os cipriânicos –, as cartas do santo bispo mártir de Cartago são as únicas fontes. Veja-se estudo de Y. Le BOHEC, “Remarques onomastiques sur la correspondance de s. Cyprien”, em C. HAMDOUNE (dir.), *Ubique amici – Mélanges offerts à Jean-Marie Lassère*, Université Montpellier III, 2001, p. 287-308. J. L. MAIER, *L'épiscopat de l'Afrique romaine, vandale et byzantine*, Roma/Neuchâtel: Institut Suisse de Rome, 1973 (Bibliotheca Helvetica Romana 11) [reimpr. Basel: Schwabe], continua sendo recurso fundamental a esse respeito. Para as *Sententiae episcoporum*, cf. E. CONTRETTAS, “Sententiae episcoporum numero LXXXVII de haereticis baptizandis”, *Augustinianum* 27 (1987) 407-421; e a mais recente edição crítica de G. F. DIERKS, em CCL 3E, 2004; ambas com indicações de estudos. A identificação precisa de muitas das antigas sedes episcopais, desaparecidas ao longo dos séculos, depende ainda de muito trabalho arqueológico; todavia, o leitor encontra um ótimo instrumento de trabalho em A. di BERARDINO (org.), *Atlante Storico del Cristianesimo Antico*, Bologna: EDB, 2010, p. 244-258 (“África romana”), igualmente com bibliografia.

¹³ Cf. *ep.* 67.

¹⁴ Cf. *ep.* 68,1,1.

¹⁵ Cf. *ep.* 75.

¹⁶ Cf., por exemplo, *ep.* 9 e 20.

Assim, este *corpus* oferece mais que informação local, que ele supera em muito, e evidencia a comunhão eclesial na unidade da fé. Isso explica por que muitas das cartas aí contidas nasceram, entre outros elementos particulares, destinadas a, por exemplo, partilhar situações experimentadas pela comunidade, a comunicar a respeito de decisões tomadas ou a manifestar apoio, a circular, portanto. Sua maioria é, então, evidentemente pública.¹⁷

Essa prática, particularmente quanto ao apoio de uma comunidade a outra, pode ter ajudado na conservação da coleção que temos, mas também pode ter contribuído para o desaparecimento de algumas das cartas que não se conservaram. Por exemplo, Cipriano recomenda ao bispo de Roma, Cornélio, que suprima, devido a sua linguagem, cartas do cismático Novaciano,¹⁸ mas não as suas.¹⁹ Isso sugere que

¹⁷ Algumas eram copiadas e encaminhadas com as cartas enviadas (cf., por exemplo, *ep.* 8,3,4; 25,2; 27,2,1; 30,3,1; 32,1; 45,4,3; 59,2,1; 73,1,1), não raramente para que seu conteúdo ou as atitudes que representavam fossem publicamente conhecidos. Acerca da circulação das cartas, recentemente E. BAUMKAMP, *Kommunikation in der Kirche des 3. Jahrhunderts. Bischöfe und Gemeinden zwischen Konflikt und Konsens im Imperium Romanum*, Tübingen: Mohr Siebeck (Studien und Texte zu Antike und Christentum 92), 2014, mediante o estudo das cartas de Dionísio de Alexandria e de Cipriano de Cartago, defende que, no período da perseguição e devido aos conflitos – lapsos e cismas – desta nascidos, houve uma institucionalização da correspondência, e que a troca de informações e a busca por consenso, particularmente mediante o pronunciamento sinodal por parte da autoridade eclesiástica, foram essenciais para a formação da Igreja e seu crescimento no Império Romano. Conclusão semelhante, mas a partir de uma análise sociológica, é apresentada por P. LEY, *Kirche im Konflikt: der Bußstreit – Konstellationen-Lösungswege-Folgen eines sozialen Konflikts in der Alten Kirche*, Berlin: Lit Verlag, 2016, que propõe que o santo bispo mártir de Cartago se empenha em solucionar não só conflitos restritos à disciplina eclesiológica, mas também em estabelecer estrutura e identidade sociais. Para a contribuição de São Cipriano à formação do cristianismo na África, seu pano de fundo, a teologia e a prática, veja-se: J. PATOUT BURNS Jr. e R. M. JENSEN, *Christianity in Roman Africa – The development of its practices and beliefs*, Grand Rapids: Eerdmans, 2014.

¹⁸ Cf. *ep.* 45,2,1-5.

¹⁹ Cf. *ep.* 45,4,2 e 59,19,1.

já tivesse havido a supressão de alguma carta cipriânica,²⁰ mesmo se não por iniciativa de Cornélio, uma vez que ambos andavam bastante de acordo um com o outro – e, talvez por isso, aquele pôde lamentar-se com esse último pela leitura de uma carta que o difamava em Roma.²¹ Mas o que explica o fato de Cipriano, pouco mais tarde, não fazer circular uma réplica com a posição de Estêvão,²² sucessor de Cornélio na Sé romana, quanto ao (re)batismo: desafeto, a dificuldade da matéria em causa ou algo que – ainda – nos escapa? Em todo caso, parece certo que os pósteros, tanto quanto o santo bispo de Cartago e seus contemporâneos, selecionaram cartas de Cipriano por sentimentos e interesses diversos, como Agostinho de Hipona se lamentará de os donatistas se apegarem somente aos textos de encorajamento ao martírio e favoráveis ao rebatismo.²³

Datação e temas

Ainda que nem sempre tenhamos a datação precisa de cada carta – não era costume que se mencionasse local, dia, mês e ano –, a coleção é bastante bem situável no tempo. Primeiramente porque, sem cartas de cunho propriamente

²⁰ Algo parecido pode ter acontecido em Cartago, o que explicaria o fato de Cipriano propor alguém para acompanhar a reprodução de suas cartas para o clero (cf. *ep.* 32,1,2).

²¹ Cf. *ep.* 59,2,1. A essa lamentação subjazeria o desejo de que a referida epístola tivesse sido eliminada?

²² De quem algumas palavras não aparecem senão numa citação na *ep.* 74,1,2. E, por essa mesma carta, sabe-se que Cipriano teve pelo menos uma réplica de Estêvão, que foi copiada e enviada a Pompeu (cf. *ep.* 74,1,1). O fato de Pompeu tê-la pedido (cf. *ep.* 74,1,1) leva-nos a crer que houvesse notícia da existência da referida réplica, mas não se sabe por que não foi feita circular.

²³ A seleção donatista de epístolas cipriânicas é estudada por H. K. MENGIS, *Ein donatistisches Corpus cyprianischer Briefe*, dissertação, Freiburg i. Br.: Albert Ludwigs Universität, 1916.

pessoal,²⁴ ela é eminentemente, como se diria hoje, pastoral, e cobre somente o arco do decênio do episcopado de Cipriano, 248/249-258 – um arco de tempo bastante restrito para a datação de documentação antiga, diga-se. Disso decorre o que nos permite situá-las – salvo algumas exceções²⁵ – em um quadro de tempo geralmente mais preciso, pois a coleção parece disposta cronologicamente, mesmo se não em exata sequência,²⁶ em quatro grandes blocos correspondentes a questões pontualmente afrontadas no referido decênio.

O primeiro bloco compreende as *ep.* 5-43, datáveis entre a primavera de 250 e a primavera do ano seguinte, escritas durante o “retiro” de Cipriano de sua sede devido à perseguição de Décio. Essa série de missivas lida fundamentalmente com duas questões importantes: os lapsos²⁷ e, mais para o fim do referido período, o cisma de Felicíssimo, em Cartago.²⁸ Mas há também indicações práticas e disciplinares ao clero, nomeações, exortações aos confessores,²⁹ e a justificativa, diante do colégio presbiteral de Roma,³⁰ de seu “retiro”.³¹

²⁴ Se escreveu alguma carta como leigo – o que pode ser certo, particularmente devido a sua posição social –, esta não se conservou.

²⁵ As *ep.* 1-4. Veja-se, abaixo, p. 23-33.

²⁶ Vejam-se, por exemplo, as *ep.* 10 e 22, nas quais se menciona São Mapálico. Na primeira (10,4,1), há uma referência a seu martírio, enquanto na segunda (22,2,2) ele vive. Há vários exames e propostas de datação e sequência precisas das cartas, que o leitor encontrará na bibliografia presente nas notas 6, 7 e 9, acima, e 37, abaixo, bem como nas classificações gerais de B. ALTANER, *op. cit.*, p. 180-181; J. QUASTEN, *op. cit.*, vol. 1, 595-598; S. DÖPP e W. GEERLINGS (ed.), *op. cit.*, p. 185, que reproduzimos, aproximadamente, aqui.

²⁷ Cf. *ep.* 15-19; 21-27; 30; 32-36.

²⁸ Cf. *ep.* 41-43.

²⁹ Cf. *ep.* 5-7; 10-14; 28; 37.

³⁰ Cf. *ep.* 8.

³¹ Cf. *ep.* 20.

O segundo bloco é o das *ep.* 44-66, epístolas escritas da primavera de 251 à eleição de Estêvão como bispo de Roma (primavera de 254). Essas cartas ocupam-se basicamente do cisma de Novaciano, em Roma, sob o pontificado de Cornélio, sem ignorar, ainda, o comportamento dos apóstatas, tanto leigos como clérigos.³²

As *ep.* 67-75 compõem o terceiro bloco das missivas escritas durante o papado de Estêvão (final de 254 – outono de 256/257) e – com uma exceção³³ – tratam da controvérsia batismal, a questão do (re)batismo: é válido o batismo administrado por apóstatas, recebido na apostasia?

O quarto bloco datável é o das *ep.* 76-81. Essas cartas foram escritas durante a perseguição (outono de 258) de Valeriano, para animar os cristãos condenados,³⁴ informar sobre a repressão estatal³⁵ e, por fim, justificar seu novo “retiro”,³⁶ antes da captura, condenação e martírio.

Há um quinto e último bloco, menor, porém de datação não fácil: *ep.* 1-4 (esta última sobre o *syneisaktismo*), 62 (sobre o resgate de cristãos sequestrados) e 63 (contra o uso da água no lugar do vinho na celebração eucarística). Os estudiosos situam-nas diversamente ao longo do decênio do episcopado de Cipriano.³⁷ Em geral, essas missivas também tratam de questões específicas, mas aparentemen-

³² Cf. *ep.* 56; 57; 64; 65.

³³ Cf. *ep.* 67.

³⁴ Cf. *ep.* 76, e respectivas respostas (77-79).

³⁵ Cf. *ep.* 80.

³⁶ Cf. *ep.* 81.

³⁷ Há diversos exames da cronologia do epistolário. Eis alguns dos que o leitor pode encontrar com maior facilidade: L. BAYARD, *Saint Cyprien – Correspondence*, 2 vol., Paris: Belles Lettres, 1925; L. DUQUENNE, *Chronologie des lettres de S. Cyprien – Le dossier de la persécution de Dèce*, Bruxelles: Société del Bollandistes (Studia Hagiographica 54), 1972; G. W. CLARKE, “Chronology of the Letters”, em CCL 3D, 1999, p. 691-705. Vejam-se também, acima, indicações às notas 6, 7 e 9.

te isoladas, sem qualquer relação com as perseguições ou questões essenciais dos quatro blocos cronológicos. Não há acenos a circunstâncias temporais, e Cipriano parece dispor de fácil acesso a seu conselho de presbíteros, além de manifestar-se de sua *cathedra* com liberdade, de modo a facilmente poder reunir-se com outros bispos, o que provavelmente aconteceu em momentos distintos.

As cartas de Cipriano, contudo, não são somente material de estudo para historiadores, por ser constantemente revisitado particularmente devido às suas questões de cronologia.³⁸ Tampouco se reduzem a documentação histórica somente.³⁹ Com suas limitações, o bispo mártir de Cartago faz-se ver como mente conciliar, moderada, consciente do ofício episcopal.

Ainda que na disputa com Estêvão de Roma acerca do (re)batismo pese certa tradição local e delimitadas interpretações acerca de uma questão ainda incipiente para a Igreja como um todo,⁴⁰ nas discussões acerca da readmissão dos lapsos, por exemplo, que ocupam praticamente metade do epistolário,⁴¹ é pouquíssimo o assunto sobre o qual Cipriano decide sozinho, preferindo que o concernente à Igreja como um todo seja amplamente tratado por toda a comunidade

³⁸ Cf. n. precedente.

³⁹ Cf., acima, p. 12-13.

⁴⁰ A teologia sacramental, de fato, particularmente a batismal, precisará esperar ainda por séculos, até que se estabeleça para todo o orbe católico, passando inevitavelmente por Agostinho de Hipona, que dará ulterior desenvolvimento a sua base escriturística. E Agostinho mesmo, em polêmica com os donatistas – fortemente apoiados na autoridade de Cipriano –, relerá vários dos textos do santo bispo mártir de Cartago, ainda que nem sempre endosse plena e irrestritamente as posições dele. Para não exagerar – ainda mais – nas já sobrecarregadas notas, fundamentalmente de caráter prosopográfico, o leitor encontra as referências agostinianas a Cipriano nas obras do Doutor da Graça sobre tal matéria.

⁴¹ Cf. *ep.* 5-43.

eclesial,⁴² sem tender aos extremos que, muito velozmente, buscam impor-se: o do laxismo de quem oferece perdão indistintamente e o rigorismo de quem absolutamente não o oferece. É a cauta e ponderada posição de quem, à frente da comunidade, sabe-se responsável – no mais profundo senso do termo – pelos seus, atento à realidade que enfrentam, sem perder de vista o referencial pelo qual é posto à frente dessa mesma comunidade: o Cristo salvador do Evangelho e depósito da fé.

Moderação, cautela, ponderação e atenção ao referencial que, se podem exprimir a personalidade de Cipriano, não apontam exclusivamente sua pessoa, mas o que deve ser o bispo, o pastor,⁴³ e o próprio fiel: alguém que não se subtrai aos eventos. Antes, com a Escritura sempre dispositiva, esses pedem sua manifestação decidida, ordenada, ortodoxa e caridosa. Com efeito, mesmo à distância de sua sede, o bispo não se esquece daqueles que passam por necessidades materiais⁴⁴ ou espirituais, como os próprios lapsos, e lembra que não devem deixar de ser atendidos, nem mesmo em meio à perseguição – ocasião do testemunho efetivo da própria fé em cada dimensão da vida.

Assim, testemunhar Cristo, antes de tudo nas mais simples realidades cotidianas, implica assumir o próprio tempo como oportunidade de abertura para a eternidade – e *ver os céus abertos*, atestam-no os textos cipriânicos sobre a confissão e o martírio –, sem perder de vista a unidade do corpo, que para aí ruma imitando sua Cabeça.

⁴² Cf. *ep.* 17,1,2; proposta que o leitor encontrará repetidas vezes no respectivo bloco de cartas, e cujo valor é reconhecido além-mar nos dias mesmos de Cipriano (cf. *ep.* 30,5,3 e 31,6,2).

⁴³ Cf., por exemplo, *ep.* 66,8,3.

⁴⁴ Cf. *ep.* 5,1,2; 7,2; 12,2,2 e 14,2,1, por exemplo.

A Igreja, portanto, não é, em tal contexto, senhora triunfante da moral, mas povo que, perseguindo e combatendo os próprios interesses, submete-se a Cristo para que seja ele a brilhar na opacidade de nosso pecado. Nisso aparece a valentia do cristão, soldado destemido que não se subtrai ao escárnio e à morte diante do mundo que o condena, porque combate primeiramente consigo mesmo, mas combate armado tão somente da invencibilidade divina. Só assim o fiel testemunha Cristo para o mundo e o vence, pois Cristo mesmo vence no fiel.